



ANAIS

IV ELAUP

ENCONTRO LATINO AMERICANO DE AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA

Florianópolis, 6 a 8 de novembro de 2019

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil



ORGANIZADORES DOS ANAIS

Clécio Azevedo da Silva

Nazareno José de Campos

Lincon Broering Bruno

Ana Claudia Lorenzi da Silva

Ana Livia de Almeida Silva

Erika Sagae

Lorrane de Lima Primo

Paula Caroline Favaretto Santos

Thais Caroline Nunes Barreto



REFLEXÕES SOBRE A AGRICULTURA URBANA: ESTUDO DOS *ALLOTMENTS*

Soraya Nórr

Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo – UFSC
soraya.nor@ufsc.br

Introdução

Nos dias atuais, observamos que o crescimento urbano cria uma nova demanda por sustentabilidade e saúde pública, associada, entre outros fatores, à necessidade de provisão de alimentos sazonais locais, cultivados ecologicamente e, por outro lado, esse crescimento também amplia a pressão por espaços para outros usos, como residencial, comercial, industrial. Esses processos, simultaneamente, promovem e restringem o surgimento e o desenvolvimento da agricultura urbana. Esta situação sugere que há necessidade de entender melhor a política rural e urbana e as relações sociais e econômicas implicadas no planejamento e gestão do território.

Desse modo, o tema da agricultura urbana suscita questões cruciais do nosso tempo e a experiência dos *allotments* nos parece interessante para ilustrar a convivência da agricultura urbana com as demandas da cidade contemporânea.

Os *allotments* são espaços coletivos de agricultura urbana, que estão presentes na paisagem das cidades inglesas há mais de 200 anos.

A pesquisa que desenvolvemos teve como foco principal estudar os *allotments* como integração entre natureza e cidade, de maneira a compreender o cultivo agroecológico de alimentos no espaço urbano em relação à segurança alimentar, sustentabilidade, integração das pessoas com o meio ambiente e fortalecimento dos laços sociais.

Assim, a análise voltou-se para os aspectos da dimensão ambiental e cultural na produção de alimentos, bem como para sua presença no tecido urbano, como parte do planejamento territorial. O estudo desenvolveu-se na cidade de Oxford, Reino Unido.

Objetivos

O objetivo geral do presente artigo é apresentar a modalidade de agricultura urbana dos *allotments* não como modelo a ser seguido, mas como uma experiência cultural e ambiental de conexão comunitária com a natureza, que pode contribuir para a reflexão em nosso contexto territorial.

Entre os objetivos específicos destacam-se o conhecimento da dimensão histórica da presença da prática agrícola no espaço urbano das cidades britânicas; o entendimento do papel



do Estado em relação ao planejamento e às políticas públicas referentes ao tema; bem como a compreensão da dimensão social e cultural em garantir a produção de alimentos frente à pressão dos demais usos da terra urbana no contexto de expansão das cidades contemporâneas.

Paisagem cultural e trama verde e azul

O estudo procurou compreender a agricultura urbana associada à noção de “paisagem cultural”, em seu aspecto ambiental, procurando associar a cultura como integrante da sustentabilidade, ao lado dos tradicionais aspectos sociais, econômicos e ecológicos.

A noção de paisagem cultural fundamenta-se nas interações entre os aspectos naturais e culturais, bem como entre os bens materiais e imateriais – no entrelaçamento desses campos associados à produção do espaço da cidade (CASTRIOTA, 2009).

A paisagem cultural é assim formada pela combinação do meio ambiente natural e da sociedade, na sua articulação dinâmica através do tempo e do espaço. Além de sua dimensão visual concreta, a paisagem cultural incorpora história, relações, valores e símbolos inerentes à cultura dos grupos sociais, sendo também permeada pela subjetividade de quem a observa e a vivencia. Desse modo, a paisagem configura-se na complexa interação entre o ser humano e os objetos naturais e culturais que a compõem (NÓR, 2013).

A análise dos *allotments* aliou à abordagem de paisagem cultural também a concepção de “trama verde e azul”, que considera a preservação vegetal (verde) e a presença dos corpos d’água (azul) inseridos na dinâmica da cidade, por meio de um planejamento urbano e regional que garanta essa articulação, visando tanto a proteção da biodiversidade, quanto a conexão das pessoas com a natureza.

A configuração da “trama verde e azul” ocorre por meio de ligações estabelecidas entre os espaços livres urbanos nos quais a natureza está presente, como rios, parques, praças, vias arborizadas, áreas de cultivo e jardins. (SCHLEE et al., 2009; MEHDI et al. 2012; CARSIGNOL, 2012; SOUZA, MACEDO, 2014). Assim, a trama estabelece-se com a interligação de áreas de relevância socioambiental, conectando os corpos d’água e as áreas com vegetação, de maneira a constituir uma rede de corredores ecológicos no tecido da cidade e seu entorno.

Os *allotments* em Oxford fazem parte dessa trama e inserem-se nessa conexão conferindo mais visibilidade para a presença da natureza no cotidiano urbano, tanto do ponto de vista ambiental, quanto em relação à sensibilidade humana e à identidade cultural expressa em sua paisagem.



Os *allotments* britânicos

Os jardins de *allotments*, como uma colcha de retalhos, são uma característica familiar e onipresente da paisagem das cidades britânicas, e tem sido assim por quase duzentos anos (CROUCH, WARD, 1997).

O termo *allotment* é definido como uma gleba de terra pública destinada a ser cultivada coletivamente como uma fazenda jardim, dividida em pequenos lotes ou parcelas, denominadas *plots* (em torno de 150m²), arrendadas a baixo custo (cerca de R\$ 100,00/ano) para um morador da cidade para a produção de verduras, legumes, frutas e flores, para consumo próprio e de sua família, uma vez que a legislação proíbe o uso de lotes para fins comerciais. As parcelas de cultivo são disponibilizadas a cada arrendatário por um período de 12 meses, com possibilidade de contínua renovação anual (MILLER, 2015).

Figura 1 - *Allotment* e as parcelas de cultivo (*plots*)



Foto: Soraya Nórr, 2017. Elder Stubbs Allotments, Oxford.

A legislação relativa aos *allotments* no Reino Unido tem uma longa história desde o século XIX. O sistema formal desenvolveu-se a partir de uma miríade de acordos de arrendamento anteriores que existiam entre proprietários e não proprietários de terras e de outros arranjos de cultivo comunitário de alimentos como atividade não remunerada. A legislação, a partir de 1819, forneceu à população das cidades uma provisão específica de *allotments*, ou seja, "terra pública arrendada por uma taxa razoável" para os mais necessitados



(MILLER, 2015, p.1197). Desse modo, inicialmente, as pequenas parcelas agrícolas, *plots*, foram destinadas aos pobres, com uma motivação filantrópica, para que pudessem cultivar alimentos e manter suas famílias. Tinham assim, inicialmente, um estigma de caridade (CROUCH, WARD, 1997; NOORI; BENSON, 2015).

Essa modalidade de agricultura urbana foi essencial no contexto em que as cidades britânicas transformavam-se com o crescimento do proletariado industrial, composto por pessoas que foram retiradas da vida rural, seja em decorrência da oferta de trabalho, dos métodos agrícolas inovadores, dos novos padrões de propriedade, ou pela depressão agrícola, que teve início na década de 1870 (CROUCH, WARD, 1997).

As disposições legislativas evoluíram no século XX¹ e regulamentavam como as autoridades deveriam atender às demandas locais e gerenciar os *allotments*, especialmente porque seu número expandiu rapidamente durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, o que contribuiu significativamente para a produção de alimentos no continente europeu nesses períodos (DETR, 1998).

No pós-guerra, com maior facilidade em adquirir alimentos e com o aumento do emprego assalariado das mulheres, reduziu-se a demanda por *allotments* e muitos locais de cultivo foram negligenciados. À medida que as cidades do Reino Unido expandiram-se e a especulação e os valores da terra aumentaram significativamente, muitos *allotments* foram destinados para o desenvolvimento da construção civil.

No entanto, a partir do final da década de 1960, no contexto da recessão econômica e do aumento das preocupações ambientais e com a qualidade alimentar, houve um avivamento na demanda por *allotments*, com campanhas por sua manutenção lideradas por grupos organizados e participação da mídia nacional.

A pressão social para a permanência dessas áreas tradicionais de agricultura urbana acompanhou os contínuos processos paralelos e acelerados de industrialização e migração rural para as cidades nas décadas seguintes, promovendo um aumento acentuado da demanda por lotes em *allotments*, com muitas pessoas inscritas nas listas à espera de um *plot*².

Assim, houve no país uma lógica governamental e políticas públicas para a manutenção do sistema de *allotments*, em muito associada às crises de queda dos níveis de salários e do emprego e do desejo de reduzir os custos das taxas de alívio da pobreza.

¹ *Small Holdings and Allotment Acts 1908 and the Allotments Acts, 1922-1950 (UK, 1908; 1925).*

² De acordo com *The National Allotment Society* (2013, apud OXFORD, 2017).



Entretanto, historicamente, mesmo nos períodos economicamente difíceis, os *allotments* não representavam apenas uma maneira de melhorar as condições de vida, mas também um “lugar”, que estava associado à extensão da casa da família, especialmente, para as gerações que fluíram do campo para as cidades. O cultivo da parcela era como habitar um novo “lar”, que começava por estabelecer a fronteira do *plot*; numa indicação de identidade e territorialidade. E, à medida que as pessoas desenvolvem um senso de lugar e de identidade, desenvolvem também conexões sociais e sentimentos de pertencimento à cidade (NOORI; BENSON, 2015).

Em 1998, uma comissão parlamentar³ foi formada em resposta às preocupações ambientais, que exigiam a inclusão da provisão de *allotments* em estratégias de saúde pública e segurança alimentar, mas também com base no reconhecimento de seu importante papel na cultura local dos bairros, bem como no alinhamento com os objetivos da política nacional de sustentabilidade (MILLER, 2015).

Atualmente há, em média, uma provisão nacional de 15 *plots* por 1.000 famílias. Se as prefeituras constatarem a existência de demanda por *allotments*; têm o dever legal de fornecer um número suficiente de parcelas em áreas públicas, considerando solicitações assinadas por até seis cidadãos. Para atender à crescente demanda, as parcelas foram divididas pela metade da dimensão das normativas anteriores, passaram de 300m² para 150m² ou até menos em alguns locais, não havendo tamanho mínimo legal para um *plot* (MILLER, 2015)⁴.

A contribuição dos *allotments*

A reedição do cultivo na cidade, embora com métodos mais modernos, criou um senso de continuidade cultural e uma ligação com as pessoas que realizaram ações semelhantes ao cuidar da terra no passado, trouxe lembranças de como o trabalho era realizado e como podia ser reincorporado à vida, "uma forma de entrar em contato com quem somos e de onde nós viemos" (HAWKES, ACOTT, 2013, p.1125. *Tradução nossa*).

Continuidade e comunidade estão frequentemente relacionadas com a prática da agricultura urbana. “A comunidade pode ser amplamente definida, pelas pessoas e suas

³ *Department of the Environment Transport and the Regions* - DETR 1998.

⁴ O relatório *Thorpe* de 1969, recomendava uma provisão mínima equivalente a 15 parcelas por 1.000 famílias, mas isso não era uma medida jurídica. Estima-se que com a diminuição das terras disponíveis a recomendação (NSALG) da provisão mínima fosse de 20 parcelas padrão (300 m²) por cada 1.000 famílias. Em 2006 a provisão nacional em media era de 13 *plots* por 1.000 famílias (UK, 2008).



interações, ao compartilharem valores comuns, crenças e comportamentos” (GUSFIELD, 1975 apud NOORI, BENSON, 2015, p. 306 *Tradução nossa*)

O senso de comunidade diz respeito à vivência do indivíduo em relação a outros membros do grupo social e suas experiências inter-relacionadas. Nesse sentido, McMillan e Chavis (1986) propõem que o indivíduo ao fazer parte de um grupo social, sinta que importa, que faz a diferença, considere-se integrado e que experimente uma conexão emocional compartilhada, ou seja, "o compromisso e a crença de que os membros compartilharam e compartilharão história, lugares comuns, tempo juntos e experiências semelhantes" (McMILLAN, CHAVIS, 1986, apud NOORI, BENSON, 2015, p. 306. *Tradução nossa*).

Esses lugares criados são também uma expressão e uma representação de sua própria cultura, transmitem a maneira pela qual as pessoas encontram um significado no ambiente de suas vidas diárias. E, por meio de atividades e relacionamentos compartilhados num determinado espaço, como o *allotment*, apropriam-se de uma cultura mais ampla.

Os *allotments* em Oxford permitem a participação de pessoas de etnias diversas e o contato com práticas distintas, assim, o conhecimento e as habilidades dos que cultivam são conseguidos de forma relacional, no envolvimento das pessoas, incorporando valores sociais e conhecimento leigo, aprendem fazendo, tanto pela alegria das descobertas como a fim de melhorar a produção. Sementes, materiais, receitas e plantas são trocadas entre vizinhos, amigos e familiares e os saberes são transmitidos através de gerações, servindo como lembranças diárias dessas relações.

A construção social do espaço é a real transformação do espaço através das trocas sociais, memórias, imagens e uso diário da configuração material em ações que transmitem um significado simbólico (LOW, 1996, apud NOORI, BENSON, 2015, p.294. *Tradução nossa*).

A preocupação com o espaço que se cultiva e o compartilhar esse espaço com outras pessoas são formas e movimentos por meio dos quais se constrói o conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo.

A paisagem de Oxford

Oxford fica cerca de 100 km a oeste de Londres, na confluência dos rios Tamisa e Cherwell, inserida num semicírculo de colinas. A paisagem de Oxford marcada por sua tradicional universidade que a configurou como “a cidade das torres”, foi uma base real



medieval anglo-saxônica bem estabelecida desde o século IX, que evoluiu ao longo do tempo em resposta às condições sociais e econômicas da industrialização e desenvolvimento do país.

Atualmente, Oxford possui um limite administrativo bem definido numa área total de aproximadamente 46 km² e uma estimativa populacional crescente de 160.000 habitantes (ONS, 2016 apud OXFORD, 2017), como reconhecido centro universitário e um importante parque da indústria automobilística, a cidade tem experimentado a expansão de áreas residenciais, mudança dos padrões de emprego, demanda por comércio e instalações empresariais, como consequente aumento dos níveis de tráfego e o desenvolvimento da infraestrutura local.

Além disso, Oxford possui uma variada gama de espaços verdes que configuram sua paisagem, incluindo o cinturão verde (*green belt*), espaços de vida selvagem, áreas de inundação, diferentes tipos e tamanhos de parques, praças e espaços abertos, campos esportivos, jardins privados e a agricultura urbana nos *allotments*, conciliando, dessa forma, espaços naturais e sociais em seu território.

Figura 2 – Vista aérea de Oxford



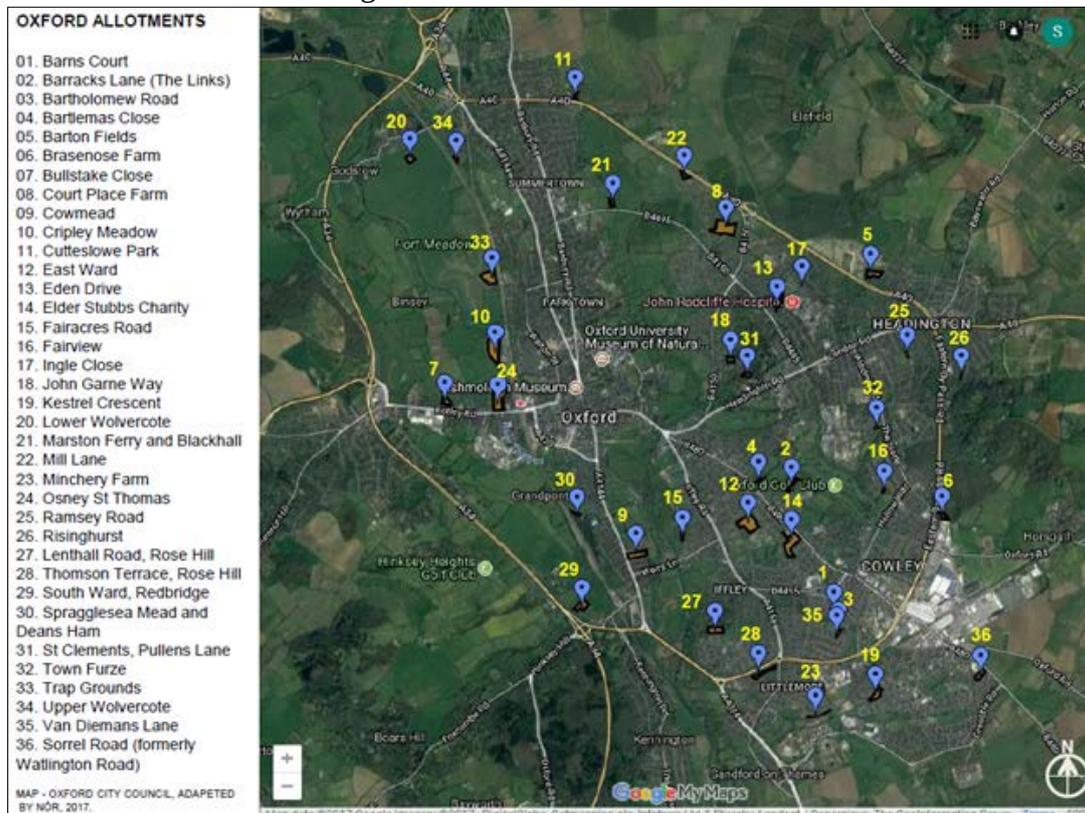
Fonte: Google Earth, 2017.

Para maximizar os benefícios ambientais e paisagísticos que esses espaços oferecem, é importante sua constituição como uma trama verde e azul que opera em conjunto para conformar corredores de vida selvagem associados à dinâmica urbana.



Para esse contexto colaboram os 36 *allotments* atualmente em uso ativo em terras públicas de Oxford, que são organizados em associações e coordenados pela prefeitura (Oxford City Council).

Figura 3 - *Allotments* em Oxford



Fonte: Google Maps, 2017.

Para procurar compreender a experiência de agricultura urbana em Oxford, bem como as percepções de sociabilidade e sentimentos de conexão com a natureza foram realizadas, em 2017, entrevistas semi-estruturadas com pessoas que praticam atividades agrícolas nos *allotments*.

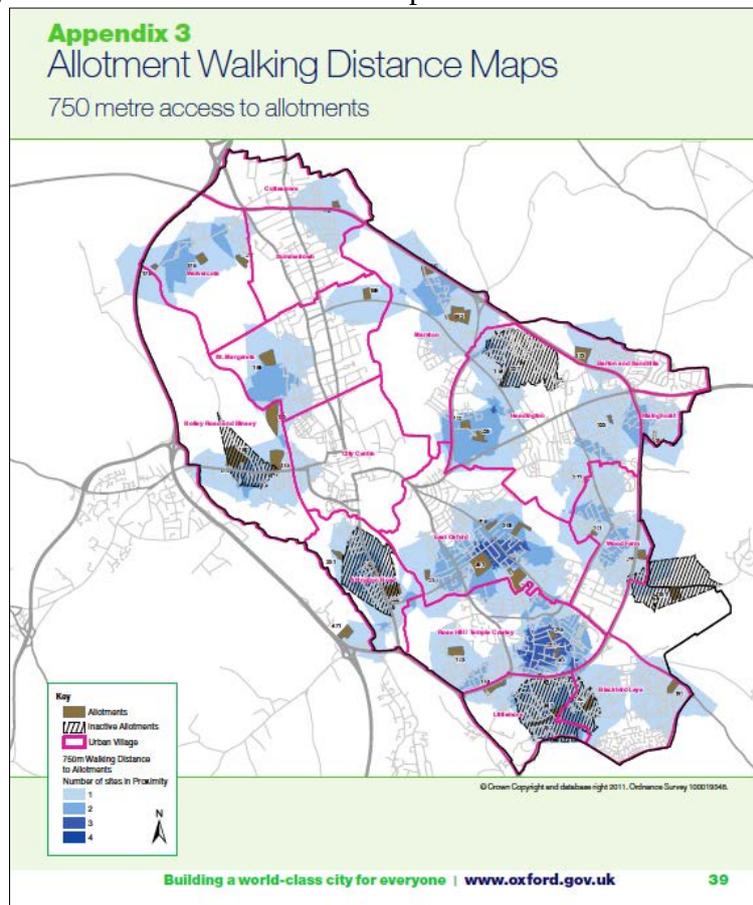
Os entrevistados foram 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino; 50% britânicos e 50% de outras nacionalidades; a idade média foi de 50 anos; a maior parte havia se engajado ao seu *allotment* há cerca de cinco anos e meio; com uma média de trabalho no cultivo três a quatro vezes por semana.

A área de cultivo fica a aproximadamente 10 minutos a pé de suas moradias, segundo diretrizes de planejamento urbano da prefeitura. Entre os entrevistados, 60% não tinham experiência prévia com a agricultura, sendo uma vivência essencialmente urbana. Todas as pessoas entrevistadas afirmaram que sentem grande prazer na atividade de cultivo de alimentos



e encontram um significado especial nesta prática, bem como apontaram vantagens em diversos aspectos.

Figura 4 - Distância de caminhada para os *Allotments* em Oxford.



Fonte: Oxford, 2017.

Quando perguntados sobre benefícios para a saúde, 85% dizem ter notado uma melhora na saúde física e mental. E 90% consideram os *allotments* como um espaço propício à socialização, com troca de informações, oportunidades para conversas e conhecer pessoas, além de participar de eventos ou organizar reuniões com amigos.

Em suma, 90% dos entrevistados consideram a atividade como uma forma de estabelecer uma conexão significativa com a natureza. Os testemunhos abaixo demonstram como os entrevistados experimentam o relacionamento com a agricultura urbana nos *allotments* em Oxford:

"É um santuário e é importante sentir uma conexão com a terra";

"É um espaço de paz. É terapêutico de várias maneiras, ajuda-me a aliviar o stress e a ser eu mesmo por alguns momentos";

"Todos aqui são muito gentis. É ótimo conversar com pessoas tão interessantes e poder trocar os produtos que cultivamos. Os que estão há mais tempo têm muito



conhecimento para compartilhar”;
"Comida recém-colhida, preparar uma refeição com alimentos que eu cultivei, tem um impacto importante na minha vida";
"Mantem-me sã e me ajuda a gerir os sentimentos mistos que experimento sobre viver em uma cidade";
"Há uma conexão com a paisagem, a escala dos lotes combinadas, com o espaço e a amplitude do allotment";
"O contato físico com as coisas, com o solo. Sempre há algo para comer. É lindo!";
"Todos os anos organizamos uma festa em nosso allotment e todos participam juntos";
"Ajuda a me conectar aos ciclos das estações e da lua. Conecta-me a ritmos muito maiores do tempo, é muito enraizador";
"Eu amo mexer na terra, a experiência da Terra. Trata-se de conexão. Cultivando vegetais de forma orgânica, sabendo exatamente de onde eles vieram, faz pensar sobre políticas agrícolas";
"Na vida moderna, tanto tempo é gasto na frente de computadores ou outros equipamentos, é bom voltar para uma das coisas mais básicas na vida e reconectar-se com a natureza".

A personalização dos *allotments* também constitui exemplo de como esses espaços são idealizados e construídos como lugares vivos, através de representações criativas e símbolos de identificação pessoal, que compõem sua paisagem coletiva. O *plot* funciona como um espaço semi-privado dentro do espaço comunal do *allotment*, permitindo a participação individual e comunitária na produção da paisagem urbana. Os *allotments* oferecem um dos poucos espaços da cidade onde os indivíduos podem se expressar esteticamente e, como tal oferecem “janelas”, vislumbres, sobre os habitantes na paisagem urbana.

Figura 5 - Elder Stubbs Allotments em Oxford



Fonte: Soraya Nór, 2017. Elder Stubbs Allotments



As relações sociais, as experiências e os significados são subjetivos e tão multifacetados quanto as pessoas que os criam e os experimentam (NOORI, BENSON, 2015). Assim, as pessoas se relacionam coletivamente através dessa paisagem que conformam inconscientemente ao personalizarem seus *plots* e o *allotment*, numa reprodução material e de seu eu cultural. Essa representação passa a fazer parte de sua identidade individual e coletiva, estabelecendo uma conexão emocional com o lugar, contribuindo para gerar o sentimento de pertencimento.

O *allotment* é uma metáfora em si, sobre o trabalho com a terra – sentir o chão, e estar próximo da Terra (CROUCH, WARD, 1997). Torna-se assim concebível que ao vivenciar a natureza como útil e significativa, os habitantes da cidade possam passar a uma apreciação da complexidade das relações entre ser humano e meio ambiente, em diferentes escalas – local, global e planetária.

Considerações Finais

Os *allotments* em Oxford destacam-se como importantes áreas de cultivo sustentável de alimentos nos espaços da cidade, um amálgama entre agricultura urbana, tradição cultural, sustentabilidade ambiental e cuidados com a saúde que ilustram a possibilidade de superação da tradicional dicotomia entre urbano e rural e entre cidade e natureza.

Em paralelo, a presença e a vivência da natureza na configuração da trama verde e azul na paisagem urbana promovem, além da sustentabilidade, o sentido de conexão cultural e simbólica com o meio ambiente. Assim como a prática comunitária propicia maior coesão social e participação política nos destinos da cidade.

A permanência dos *allotments* na paisagem cultural das cidades britânicas é fruto da resistência popular em seu anseio por uma vida mais saudável e mais significativa, refletida na legislação e no planejamento urbano. Uma experiência que suscita reflexões sobre outras realidades e contextos.

Entendemos que a continuidade da agricultura urbana nos *allotments*, ao longo do tempo, a despeito da pressão de novos usos na cidade contemporânea, passa por entendê-los para além da funcionalidade objetiva, mas como lugar, pleno de significados, valores, imagens e afetos.

Assim, o espaço dos *allotments* foi visto como tendo um papel profundo por sua capacidade de promover o cultivo saudável de alimentos, bem como na evocação do senso de



lugar, identidade, confiança e auto-estima (CROUCH, WARD, 1997; HAWKES, ACOTT, 2013; MILLER, 2015; NOORI, BENSON, 2015).

As redes de aprendizagem, o sentimento de pertencimento, a criação compartilhada da paisagem, a inserção na trama verde e azul e a percepção da complexidade ambiental – possibilitados pela experiência dos *allotments*, e da agricultura urbana, portanto –, têm o potencial de contribuir para uma experiência de mundo capaz de dissolver alienação contemporânea do habitante da cidade em relação à natureza.

Com base nestes aspectos, considera-se oportuno que a visão dos gestores da cidade e dos pesquisadores esteja atenta para as interações entre reestruturação rural e urbanização nas regiões metropolitanas, e que a agricultura urbana, especialmente nas cidades brasileiras, deixe de ser negligenciada pelo processo de planejamento territorial.

Referências Bibliográficas

CARSIGNOL, Jean. Des passages à gibier à la Trame Verte et Bleue: 50 ans d'évolution pour atténuer la fragmentation des milieux naturels en France. *Revue Le Naturaliste Canadien*, Volume 136, printemps 2012, p. 76-82. Disponível em <<http://id.erudit.org/iderudit>>. Acesso em: 20 outubro 2015.

CASTRIOTA, Leonardo. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009. 380 p.

CROUCH, David & WARD, Colin. (1997) *The allotment: its landscape and culture*. London: Five Leaves, 1997.

DETR - Department of the Environment Transport and the Regions (AL 23). *The Future for Allotments*, 1998. Disponível em: <<https://www.publications.parliament.uk/pa/cm199798/cmselect/cmenvtra.htm>>. Acesso em 27 abril 2017.

HAWKES, F.& ACOTT, T. (2013) *People, environment and place: the function and significance of human hybrid relationships at an allotment in South East England*. *Local Environment*, 18, 1117–1133. Disponível em: <<http://www.tandfonline-com.oxfordbrookes.idm.oclc.org/doi/10.1080/13549839.2013.787590>>. Acesso em 03 maio 2017.

MEHDI, L.; WEBER, C.; DI PIETRO, F. & SELMI, W. *Évolution de la place du végétal dans la ville, de l'espace vert a la trame verte*. *Vertigo: la revue électronique en sciences de l'environnement* [Online], Volume 12 Numéro 2 septembre 2012, Disponível em <<http://vertigo.revues.org/12670>>. Acesso em: 20 outubro 2015.

MILLER, Wendy. *UK allotments and urban food initiatives: (limited?) potential for reducing inequalities*. Pages 1194-1214 | Received 15 Dec 2013. Accepted 15 Mar 2015, Published online: 29 Apr 2015. Disponível em:<<http://www.tandfonline-com.oxfordbrookes.idm.oclc.org/author/Miller%2C+Wendy+M>> Acesso em: 03 de maio 2017.



NOORI, Susan; BENSON, Mary. **Urban allotment garden: A case for place-making**. 6244 T&F Urban Allotment Gardens in Europe.qxp_Royal_A 18/12/2015. Pages 291-319.

NÓR, Soraya. Paisagem cultural. **Revista Leituras Paisagísticas: teoria e práxis**, Rio de Janeiro, v. 4, p.19-31, 2013. (ISSN 1808-0540)

OXFORD. Local Government Association - LGA (2006). **Growing in the community a good practice guide for the management of allotments**. Second edition. Disponível em: <<https://www.oxford.gov.uk/downloads/>>. Acesso em 23 julho 2017.

OXFORD. **Oxford Green Space Strategy, 2013 – 2027**. Disponível em: <https://www.oxford.gov.uk/downloads/download/572/green_spaces_strategy_2013-2027>. Acesso em 23 julho 2017.

OXFORD. **Oxford Local Plan 2036**. (2017) Disponível em: <www.oxford.gov.uk/localplan>. Acesso em 25 agosto 2017.

SCHLEE, M.; NUNES, M; REGO, A.; RHEINGANTZ, P.; DIAS, M.; TÂNGARI, V. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual. In: **Paisagem Ambiente: ensaios** - n. 26 - São Paulo - p. 225 - 247. 2009.

SOUZA, Conrado Blanco de; MACEDO, Silvio Soares. APPs Fluviais urbanas e sistemas de espaços livres: O papel da legislação ambiental na configuração do espaço urbano à beira d'água. In: **ANAIS 3º Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo**. UFPA: Belém, 2014.

UK. **The Small Holdings and Allotments Act 1908 - deals with the Provision of Allotments, Powers of Councils and Acquisition of Land**. Disponível em: <www.legislation.gov.uk/browse/uk>. Acesso em 27 abril 2017.

UK. **The Allotments Act 1925** - specifies. Disponível em: <www.legislation.gov.uk/browse/uk>. Acesso em 27 abril 2017.

UK. **NSALG National Society of Allotment and Leisure Gardeners /Bryn Pugh - Allotments: The Basics**. September 2008. Disponível em: <<http://www.horspath.org.uk/hvallots/Allotments>>. Acesso em 27 abril 2017.